

**PAYER, M.O. *Educação popular e linguagem-reprodução, confrontos e deslocamentos de sentidos*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1995, 96 págs.**

*RESENHADO POR: GUILHERME V. RIOS*

*Educação popular e linguagem: reprodução, confrontos e deslocamentos de sentidos* constitui-se em importante aplicação do modelo da Análise de Discurso Francesa sobre o ensino de prática de linguagem para trabalhadores no interior norte do Espírito Santo, organizados no movimento popular (Sindicatos de Trabalhadores Rurais, Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra, Comunidades Eclesiais de Base e a Comissão Pastoral da Terra). Os conceitos analíticos básicos consistem em “lugar de fala”, reconstruído em termos de “formações discursivas” (Foucault, 1987), “interdiscurso” (Pechêux, 1975) e “efeitos de deslocamentos” (Pêcheux, 1982). Sua autora, Maria Onice Payer, atuou como professora de Língua Portuguesa na educação formal e em atividades de educação popular nessa região, onde desenvolveu sua pesquisa de mestrado, cuja dissertação foi publicada neste livro, em 1995.

Um ponto que deve ser discutido, no entanto, é a provável ligação que Payer faz entre a prática institucional de linguagem e a prática especificamente pedagógica. Embora a autora afirme que este trabalho tenha se centrado na questão da educação popular, sua referência teórica limita-se à definição de apenas uma autora citada (Torres, 1988). Ressalta o fato de que há poucos exemplos e ilustrações que busquem situar o leitor nas situações de interação verbal em que predominam os elementos específicos da prática de educação popular (metodologia e descrição das situações de ensino-aprendizagem). Em alguns momentos, tem-se a impressão de que o pedagógico refere-se tão-somente à relação liderança-lavrador (no sentido de assimetria que o termo pedagógico também encerra; um outro sentido seria o de emancipação, de acordo com Paulo

Freire), que é exposta a todo instante, sem maior detalhamento do contexto educacional. Assim, logo de início temos a consideração de que os lugares tradicionais da relação pedagógica escolar são substituídos por outras formas de atuação nas atividades – o exercício de cidadania, em atividades associativas, sindicais e políticas. Porém, não se diz por quais meios pedagógicos essa substituição acontece. Ao lado disso, falta ao leitor um detalhamento etnográfico sobre o local e as condições em que foi feita a pesquisa, as origens sociais e uma breve retrospectiva histórica sobre esses trabalhadores rurais.

A pesquisadora relata-nos que a motivação para seu trabalho deveu-se à produção de “equivocos”, originados na tomada da palavra pelos sujeitos envolvidos, ao reproduzir o discurso das entidades, resultando em “impasses” na reversibilidade que se pretendia. Tais equivocos se localizavam num descompasso entre as projeções das lideranças e dos trabalhadores. Ao longo da reflexão, a autora vai percebendo que esses equivocos transportam sentidos que ultrapassam cálculos pedagógicos e retóricos, legitimando-se como discurso, sujeito e objetos de referência constituídos. A questão posta por ela passa pela possibilidade de uma prática político-pedagógica que não reproduza um discurso para substituir outro, mas que possibilite (e que não impeça) “a emergência de outras formas de pensamento, de valores, de mentalidades, enfim, de sentidos” (p. 13).

A obra está organizada com Introdução (comentada acima), Capítulo 1: “Do interdiscurso às formações discursivas”, Capítulo 2: “Entre discursos: explicações e determinações”, Capítulo 3: “Indeterminações e deslocamentos de sentidos e Considerações finais.

O Capítulo 1 mostra a constituição de sentidos dos objetos de referência pelos dois principais lugares ocupados pelos sujeitos, o de liderança e o de lavrador. Conforme a autora, o agrupamento dos dizeres das lideranças em um só conjunto parte de observações que levam em conta não a repartição de ordem institucional, mas seu funcionamento, de natureza indissociavelmente lingüística e social. Estas observações dizem respeito ao modo de circulação dos dizeres, em suas possibilidades mais imediatas de realização, e os modos de relações que se estabelecem

entre os interlocutores. A noção de interdiscurso<sup>1</sup> é utilizada aqui para descrever a comutação dos sentidos ancorados entre os papéis de quem ensina/lidera/coordena e quem aprende/é liderado/coordenado.

Do lugar da liderança, um traço fundamental que evidencia esta posição é o mecanismo de referência ao trabalhador em terceira pessoa. Tal mecanismo permite a passagem do sujeito para outro discurso: como trabalhador, ele diz que não conhecia a realidade da experiência vivida, o que significa, deste outro lugar de fala, um modo de conhecimento distinto, ligado a uma prática discursiva de liderança. Uma outra representação do sujeito na função de liderança carrega um sentido de crença, presente no campo da religião, da política e da pedagogia. Contudo, a autora adverte que não se deve considerar a identidade discursiva constitutiva da liderança sempre fixamente delimitável, embora haja a necessidade de uma organização inicial desses lugares no discurso.

Do lugar do lavrador, a regularidade discursiva do lugar da liderança na fala do sujeito é quebrada, como diz Pêcheux (1982a:16-7), por uma rachadura no ritual que constitui o discurso – a interpelação dos indivíduos em sujeitos. A presença de um outro introduz uma fissura no tecido de língua, marcado por “tropeços na formulação do discurso, cujo efeito é o de que o *sujeito fala a sua língua como uma língua estrangeira que domina mal*”<sup>2</sup> (idem). A imagem que se tem é a do sujeito que oscila, indefinidamente, entre uma e outra posição. Contudo, diferentes atribuições de sentidos às palavras podem estabelecer uma distinção visível entre as duas posições, por meio da emergência do “outro” no discurso da liderança, o qual passa então, aos poucos, a ter seu lugar preenchido no discurso, buscando sua especificidade e seu modo de produção de sentidos (p. 31).

---

<sup>1</sup> A autora cita Pêcheux (1975:162) e Orlandi na definição de interdiscurso: de acordo com o primeiro é “todo o complexo com dominante das formações discursivas”, ou seja a relação entre as formações discursivas e seu “exterior”. A segunda o explica como o “lugar de constituição dos sentidos, a verticalidade (domínio de memória) do dizer, que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito”.

<sup>2</sup> A marcação em itálico é da autora.

O Capítulo 2 pretende ser o auditório por onde as vozes dos lavradores e das lideranças se cruzam no contato, “formando arranjos específicos” que funcionam na constituição da “heterogeneidade das representações que atravessam o sujeito” (p. 31). A perspectiva de real adota o princípio de que o imaginário co-existe à constituição do sujeito, mediante o caráter simbólico da linguagem, instaurando realidades diferentes e tornando múltiplos os objetos. As categorias lingüísticas observadas foram a oposição pronominal *eu/nós*, a relação advérbios e espaço, o discurso relatado e o tempo verbal. Conforme a primeira, a fala dos lavradores é caracterizada pela presença da primeira pessoa do singular, na qual o “eu” que enuncia é tanto o locutor que organiza o enunciado (podendo apresentar a voz de um “outro”), como o sujeito nele referido. Por outro lado, a fala das lideranças é preenchida majoritariamente por meio da enunciação do sujeito em “nós”, ou seja, o “eu” limita-se a ser o sujeito locutor do discurso, enquanto o “nós” ocupa o espaço de sujeito referido. A segunda, a adverbialização espacial, marca uma diferenciação entre espaço restrito, na fala dos lavradores, e espaço abrangente, na fala das lideranças (p. ex.: “na minha casa”, “lá na fazenda” em oposição a “no País”, “no Estado”). Finalmente, a terceira refere-se à reinscrição, no instante da enunciação, de falas pontuais em instâncias de enunciação passadas, reavivando por meio dessas falas dos lavradores a memória de seu discurso. Em contraposição, a fala das lideranças não constrói textualmente essas referências pontuais. Ela apaga as marcas dêiticas da língua (o “eu”, o “aqui”, o “agora”), e os dizeres que têm sua fonte em outros lugares aparecem como tendo origem no instante em que se enuncia, onde a memória do discurso não se incorpora e o tempo do dizer se generaliza, se indetermina.

Como efeitos gerais de sentidos, ocasionados pelas marcas lingüísticas levantadas acima, têm-se a especificação e a generalização. O primeiro corresponde à fala dos lavradores, que, em oposição à fala das lideranças, busca a delimitação dos sentidos em relação aos sujeitos. A generalização constitui na fala das lideranças o “rompimento do funcionamento espontâneo da forma-sujeito” (Pechêux, 1975:271), isto é, da ilusão subjetiva que constitui o sujeito centralizado, como unidade autônoma que se acredita fonte e origem dos seus sentidos. A idéia de delimitação dos sentidos está ligada à noção de ‘determinação’, que por sua

vez extrapola o campo de significação lingüístico, tendo precedência no campo religioso e jurídico. Neste trecho, a autora percorre os trabalhos de Henry (1975), Pechêux (1975) e Haroche (1984) para demonstrar como a determinação não se explicita autonomamente no domínio da lingüística, mas é no entrecruzamento destas ordens exteriores que ela passa a existir como efeito de sentido, sendo este entrecruzamento dado no discurso, que faz aparecer os elementos da determinação (anteriores e exteriores ao discurso) no interior do seu domínio. Este efeito desloca o sentido de determinação como atribuição de unicidade a um referente para o sentido de busca de completude. Em algumas interações entre os pólos de quem fala e quem escuta, pela representação do “outro” a partir de seu próprio lugar, e de sua representação pelo lugar do “outro”, os lavradores produzem um efeito de indeterminação no interior de sua formação discursiva, que, em relação ao interdiscurso, configura-se como um efeito de determinação. Em suma, quando o lavrador inclui os dois lugares de sujeito (lavrador e liderança) em um lugar comum de discurso, os sentidos específicos de seu lugar real tornam-se apagados ante uma generalização em que o conhecimento “geral” supera o “particular”. Daí o impedimento à reversibilidade, em que as especificidades dos sujeitos seriam mantidas e os sentidos correlacionados a eles circulariam em igualdade de condições.

O Capítulo 3 faz um levantamento de alguns efeitos de sentidos produzidos no (des)encontro entre duas ordens de explicações, fundadas nas diferenças entre seus dois lugares de produção. O primeiro deles são as diversas formas de denegação do outro: a negação polêmica (a recusa total do sentido do outro), a exemplificação (forma mais discreta em que o já dito é dito de outro modo para se dizer “*melhor*”), ou a sobredeterminação (a palavra do outro constitui apenas um complemento “concreto” para a “nossa noção abstrata”). Um outro modo de apagamento do outro não chega a ser dito: o silêncio e a retirada do ambiente em que se dá a discussão. O efeito que se tem é o de que há duas formações discursivas que não se tocam, onde os sujeitos se “encaram” resabiados, “permanecendo contudo *determinados*, seguros em suas verdades” (p. 64).

Outro modo de relação entre as duas formações discursivas é o que combina uma negação branda e uma suave interferência do “outro” no discurso. Embora aparentemente ocorra um entretecimento dos sentidos, o

discurso se mantém direcionado pelo sujeito que controla a emergência de sentidos “outros”. E a função do “outro” nele como um reforço representa para a autora um certo modo de “indiferença” em relação a esse “outro”.

Há, entretanto, um modo de relação entre os sujeitos em que os sentidos do “outro” passam a abalar o discurso, tornando-se constitutivos no processo de identificação. Em conseqüência, as imagens formadas pelo sujeito de si, do outro e dos objetos adquirem movimento. Por meio do encontro das duas formações discursivas, as interferências permeiam o discurso, causando uma “fratura” cuja atuação consiste em entraves na movimentação dos sentidos. A oscilação das identidades provoca uma confusão dos sentidos e do sujeito. Atabalhado pelas interferências “alheias”, o sujeito não se encontra em condições de direcionar seus dizeres, o que implica em deslizos nos parâmetros de referência e, em conseqüência, na impossibilidade de domínio dos sentidos (do outro, de si e dos objetos) (p. 67).

Tal impossibilidade de domínio dos sentidos ocorre pelo “excesso” ou “ausência” de sentidos (Haroche, 1984), que se configuram no texto de distintas maneiras. Entre elas, há a situação em que o sujeito se debate imerso na indefinição, arrisca alternativas para dominar o discurso, mas falha demonstrando a interrogação crucial, motivada pela multiplicidade de sentidos que emanam do seu dizer. Outras referem-se ao movimento “à deriva” dos sentidos e do sujeito, “onde o controle estratégico de seu discurso lhe escapa” (Pechêux, 1983: 317). Em suma, este modo de relação entre os sujeitos desvela um tal estado de interferência e divisão do sujeito, que em sua vacilação, não permite identificar o elo de ligação entre as seqüências lingüísticas e as formações discursivas desde suas fronteiras até seu interior.

Essa divisão emerge principalmente pela incorporação do discurso do outro. Um dos princípios da incorporação é a descentralização, vista no mecanismo pelo qual o sujeito se desloca do “eu- lavrador” para o “ele- lavrador”, representando assim o “nós” do discurso das lideranças. Uma outra forma é a que ocorre quando, nesse deslocamento, o sujeito do lugar de liderança deixa vaziar os sentidos de “antes”, revelando certa contradição, mas que é estratégica no debate com os lavradores e funciona como argumento para dar determinada direção ao discurso. A autora comenta que, a despeito da conveniência deste argumento para a liderança, a simples

reprodução dos sentidos manifesta a falta de um processamento “que lhe possibilitaria manter um distanciamento necessário para colocar-se de fato no debate” (p. 71).

Outra forma de apresentação da divisão do sujeito constitui o “meta-discurso”, compreendido como uma tentativa do sujeito de se fixar no discurso e criar uma direção para o seu dizer. É o resultado da busca do sujeito, envolvido pelos sentidos “alheios”, em dizer de uma maneira *determinada*, noutras palavras, noutra formação discursiva, ou de dizer ‘entre’ as formações discursivas.

À diferença da incorporação e do “meta-discurso”, em que prevalece o efeito de resistência à heterogeneidade, outros modos de indefinição do sujeito fazem com que este se lance à deriva entre os dois discursos:

a) oscilação – caracteriza-se por um jogo de transposição entre a indeterminação e a determinação;

b) abertura – entrecruzamento dos sentidos, gerado por uma espécie de incompletude do texto. Os sentidos aparecem destituídos de um destino, de um centro de referência, de organização.

c) assentamentos e movimentos de sentidos – esses entrecruzamentos dos discursos dos lavradores e das lideranças são bastante freqüentes nas falas dos trabalhadores rurais assentados em terras ocupadas. As duas formações discursivas estão equidistantes, fazendo com que os sentidos percorram movimentos contrários, ou seja, rumo à evidenciação ou corrosão. As relações assimétricas do modo pedagógico se esvanecem. O sentido se atualiza na prática cotidiana, no objetivo da ocupação da terra.

Quando as interferências e a negação perpassam o discurso, criando um caldo de heterogeneidade, onde o sujeito sofre abalos no esforço de representação própria, instaura-se uma tensão entre a indeterminação do sujeito e dos sentidos (forças desagregadoras: polissemia) e a determinação do sujeito e dos sentidos (forças homogeneizantes: paráfrase), conforme Orlandi (1987). Há três possibilidades nesta situação:

1) nenhuma dessas forças se dissipa e o embate prossegue indefinidamente;

2) a paráfrase contorna a polissemia;

3) mesmo com a força da polissemia, produz-se “uma torção, mínima, nos discursos já ditos, como forma de o sujeito e seus sentidos retirantes se

situarem” (p. 80). Ocorre um alojamento provisório de sujeito e sentido, manifestando uma maior mobilidade dos sentidos. O sujeito perpassa os sentidos, podendo permanecer ‘entre’ os discursos, para ali se situar, dali poder dizer. Dessa maneira, “são os sentidos (objetos) que mais se mostram alçados agora ao sujeito (Tfouni, 1988), pelo fato de que este, dominando-os ‘se apropria’ deles, produzindo o que se tem chamado de um efeito de deslocamento” (p. 80).

Este domínio dos sentidos, resultado de sua formulação agora, em contraste com sua fuga nos discursos já ditos, concede espaço a uma ambigüidade questionadora, em que o dizer do sujeito vai se formular nos “desvãos das formações discursivas” (Orlandi, 1992). A realização lingüístico-discursiva no espaço de efeito de deslocamento é exemplificada por meio da oscilação semântica mínima do verbo “produzir”: para o lavrador, seu sentido tem um agente duplo, pois tanto o trabalhador rural quanto a terra são agentes da ação; para as lideranças, seu sentido implica o agente humano como força de trabalho geradora de riquezas; e há ainda um terceiro sentido, em contraste com os anteriores, porque incorpora elementos dos dois campos de significação, na construção seguinte: “você que faz (a terra) produzir cana, mamão”, onde a perífrase causativa congrega tanto a força de trabalho do agente humano quanto a força da terra.

Assim, em determinadas falas dos lavradores, os lugares de lavrador e liderança não se ligam mais a supostos sentidos próprios de formações discursivas. Os sentidos são construídos de um lugar “entre” as formações discursivas e o sujeito já não é mais apresentado dividido e indefinido, mas como sabedor de uma direção e, conseqüentemente, produtor de um efeito de certeza. A autora sugere, embora timidamente, que se devem considerar esses efeitos como “alguma coisa constitutiva da língua, do sujeito e dos discursos” (p. 91).

O grande mérito do trabalho de Maria Onice Payer sobre as interações verbais entre lavradores e lideranças, num contexto de educação popular, é o de percorrer uma reflexão na qual o processo de mútua constituição do sujeito e do sentido é perpassado por interferências da formação discursiva das lideranças e por deslocamentos dos sentidos no interior de ambas as formações discursivas e dos “lugares de fronteira” entre elas.

Na totalidade da obra, as conclusões a que chegou a autora a respeito da determinação e indeterminação no interdiscurso de lavradores e lideranças, as quais implicam os efeitos de “deslocamento” de sentidos, configuram-se como um valioso achado nos estudos de análise do discurso no contexto institucional dos movimentos populares, ou organizações comunitárias. Fica apenas uma lacuna no outro eixo do livro, que insiste em perguntar: que contribuição específica para a teoria e prática de educação popular pode ser depreendida das conclusões?; que caminhos tais conclusões sugerem para o desenvolvimento da educação não-formal de adultos?

### Referências Bibliográficas

- Foucault, M. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- Haroche, C. *Faire dire, vouloir dire*. P. Universitaires de Lille, 1984. Trad. bras. *Fazer dizer, querer dizer*, E. P. Orlandi. São Paulo: Hucitec, 1992.
- Henry, P. Constructions relatives et articulations discursives. *Langages*, 37, 1975. Trad. bras. *Construções relativas e articulações discursivas*, J. W. Gerdali e C. M. Cruz. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 19. Campinas, IEL, Unicamp, 1990.
- Orlandi, E. *A linguagem e seu funcionamento*. 2ª ed. Campinas: Pontes, 1987.
- \_\_\_\_\_. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- Pechêux, M. *Les vérités de la palice*. Paris: Maspero, 1975. Trad. bras. *Semântica e discurso*, E. Orlandi et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.
- \_\_\_\_\_. Delimitações, inversões, deslocamentos. Trad. J. H. Nunes *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 19. Campinas, IEL, Unicamp, 1990 (1982).
- \_\_\_\_\_. A análise de discurso: três épocas. In: *Por uma análise automática do discurso*. F. Gadet e T. Hak (orgs.). Campinas: Editora da Unicamp, 1990 (1983).
- Tfouni, L. *Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso*. Campinas: Pontes, 1988.
- Torres, R. *Discurso y práctica en educación popular*. Quito: Centro de Investigaciones CIUDAD, 1988.

## **Objetivos/Aims**

Cadernos de Linguagem e Sociedade (CLS) é um periódico multidisciplinar que tem como principal objetivo a publicação de pesquisas relevantes cujo foco sejam as relações entre a análise de discurso, o texto e as ciências sociais. Tais relações são definidas da seguinte forma: teoria e análise das relações entre o texto escrito e a interação verbal, de um lado e de outro, as práticas sociais, políticas e culturais. Os trabalhos a serem enviados para publicação poderão ser escritos em português, inglês, espanhol ou francês.

*Papers in Language and Society* is a multidisciplinary journal whose aim is to publish relevant research which focuses on the relations between discourse analysis, text and the social sciences. Such relations can be defined in the following way: theory and analysis of the relation between written text and verbal interaction on the one hand and social, political and cultural practices on the other. Contributions are welcome in Portuguese, English, Spanish or French.

### **Normas para publicação de trabalhos**

1. Os trabalhos deverão ser digitados em Word, Wordperfect ou Write (Windows ou DOS), em espaço duplo, papel A4, de 30 a 50 laudas, incluindo notas de rodapé (reduzidas ao mínimo) e referências bibliográficas. Envie-nos o disquete e quatro cópias impressas. Apenas uma das cópias deverá conter o nome do(a) autor(a), a instituição e endereço.

2. A linguagem dos trabalhos deve ser acessível, clara, evitando-se o estilo esotérico e jargão incompreensível. Não serão aceitos trabalhos com linguagem sexista ou com qualquer tipo de discriminação baseada no preconceito.

3. Os trabalhos deverão ser iniciados com um resumo de 5-8 linhas em inglês ou espanhol, seguido de até seis palavras chave.

4. Solicita-se aos autores um *Curriculum Vitae* resumido em um parágrafo.

5. Os títulos e subtítulos devem ser claros e breves. As citações acima de 40 palavras deverão ser destacadas com margem superior à do texto. As tabelas e figuras devem ser numeradas e com títulos.

6. As referências citadas no texto devem ser apresentadas da seguinte forma: (Fairclough, 1992:70) ou Fairclough (1992:70). Use *et al.* quando citar mais de dois autores. As letras a, b, c, etc. devem ser usadas no caso de serem citados trabalhos do(a) mesmo(a) autor(a) publicados no mesmo ano. Todas as referências citadas

no texto devem ser organizadas por ordem alfabética e apresentadas no final do trabalho, assim: a) Livro: Mishler, E. G. *The discourse of medicine: Dialectics of medical interviews*. Norwood, New Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1984. b) Artigo em coletânea: Guilhaumou, J. e Mالدidier, D. Da enunciação ao acontecimento discursivo em análise de discurso. In: Guimarães, E. (org.) *História e sentido na linguagem*. Campinas, S.P.: Pontes, 1989, pp. 61 - 70. c) Artigo em periódico: Kress, G. History and language: towards a social account of language change. *Journal of Pragmatics*, 13: 445-466, 1989.

### **Notes for submission of papers**

1. Papers submitted for publication must be double spaced throughout on A4 paper, 30-50 pages, including essential footnotes and references. Use Word, Word perfect or Write (Windows or DOS). Four hard copies of the paper should be provided, but only one copy with the author's name, institution and address. Also send one copy on a floppy disk.

2. The language used in the paper must be accessible and clear. Avoid esoteric style and jargon. Papers with sexist language or any kind of discrimination based on prejudice will not be accepted.

3. At the beginning of the paper, below the title, provide an abstract of 5-8 lines, in English or Spanish, followed by six key words (maximum).

4. Authors should provide a brief *Curriculum Vitae* of one paragraph.

5. Titles and subtitles should be clear and brief. Quotations exceeding 40 words should be indented in the text. Tables and figures should be numbered, displaying titles.

6. References cited in the text must be presented in the following way: (Fairclough, 1992:70) or Fairclough (1992:70). Use *et al.*, when citing more than one author. The letters a, b, c, etc., should be used in case you cite papers/books by the same author that were published in the same year. All references cited in the text must be organised in alphabetical order and presented at the end of the paper in this way: a) book: Mishler, E. G. *The discourse of medicine: Dialectics of medical interviews*. Norwood, New Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1984. b) Book chapter: Guilhaumou, J. e Mالدidier, D. Da enunciação ao acontecimento discursivo em análise de discurso. In: Guimarães, E. (org.) *História e sentido na linguagem*. Campinas, S.P.: Pontes, 1989, pp. 61 - 70. c) Paper in journal: Kress, G. History and language: towards a social account of language change. *Journal of Pragmatics*, 13: 445-466, 1989.